



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VI - N.º. 62

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL

Maio 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

O Caminho Perfeito

O caminho Perfeito das Vidas, obviamente, deve ter um amplo horizonte ético e filosófico, sem situações sub-reptícias, e largas avenidas para a satisfação dos mais caros anelos que dimanam do recôndito do ser. Deve ser, simultaneamente, fonte certa de ventura, propiciamento perene de satisfações, no que seja acessível, e meio de libertação dos desfiladeiros, das dificuldades e dos tormentos da vida. Tal é, com efeito, a nosso ver, o supremo ideal da perfeição.

O Caminho Perfeito não é o que proporciona facilidades ao oportunismo, ou que serve para todas as emergências. É melhor do que isso, o que nos ilumina em nossos erros, guiando-nos nas dificuldades e alentando-nos nos momentos de desânimo.

O Caminho Perfeito é o que nos demonstra que somos, a nós próprios, o “determinador máximo” em todas as circunstâncias, o “elemento primordial” em todas as aspirações, o “fator decisivo” em todas as possibilidades e, finalmente, que reunimos em nós mesmos todos os poderes indispensáveis para alcançar aquilo que buscamos. Assim, se bem compreendemos nossas atitudes e nos

decidimos a fazer um esforço conveniente, é certo que conseguiremos converter-nos em “artífices do nosso próprio destino, em senhores de nossa própria pessoa”, sobre tudo, em “reitores de nossa própria existência”.

Não se trata, aqui de uma filosofia acomodaticia, nem de uma fé cega em forças sobrenaturais desconhecidas, mas de uma ampla compreensão do funcionamento de nossos poderes inatos, desde que os cultivemos e determinemos sua aplicação na vida diária.

O Caminho Perfeito é o que proporciona essa sensação rara, mas decisiva, de “plenitude”, “serenidade”, “segurança” e “firmeza” no curso da existência. É ao mesmo tempo, orientação, iluminação e alento. Nele não existe o “acaso” ou a eterna vítima das circunstâncias, por isso que somos devidamente assistidos por princípios que nos permitem transitar, com deliberação, em plena consciência e em completa comunhão mística com as forças superiores reguladoras da Natureza Universal. É saber sentir em êxtase inefável, o fluir sutil da vida e estar sempre em Harmonia com o Infinito, espécie de certeza elegíaca que, além de infundir um supremo respeito pela vida, nos proporciona dignificante altivez, ufanía transcendente, sublimidade e ânsia inefável de íntima refulgência com desígnios alentadores da eternidade. O Caminho Perfeito não pressupõe uma

fuga das dificuldades da vida; ao contrário, importa em enfrentar a realidade em toda a sua significação e proceder em conformidade com os objetivos da Natureza em seu sentido superlativo. Elevase, aperfeiçoa-se, sublima-se, sem vacilações, nem tibieza, porque se alicerça na cultura de todas as forças e possibilidades do ser, alheio por completo, as suposições doutrinárias e as fantasias dogmáticas das ortodoxias metafísicas e tradições teocráticas.

Nele havemos de encontrar a Ventura e a Paz, pois só por ele chegamos as realizações cósmicas, ou seja a Realeza da Consciência em seu sentido mais transcendente e integral, vencendo as fases inferiores e complexas do viver humano.

Desenganem-se os iludidos, pois a felicidade, o poder, as aspirações superiores não se alcançam por encantamentos, por obras de magia maravilhosa, e sim meio de esforços determinados e indispensáveis. Nada, no mecanismo magistral da Natureza, se altera ou se modifica sem uma certa adaptação as suas próprias necessidades. Daí, deve ser a sua conquista invariavelmente da resultante de merecimentos ou de certos, encadeamentos nem sempre compreendidos ou conhecidos. Quem quiser, porém tirar a prova do que afirmamos nada tem a fazer senão experimentar, e há de verificar que nossas proposições são mais do que asserções, são a expressão de Verdades irretorquíveis.

Toda a comunhão mística Rosa-Cruz repousa sobre postulados dessa firmeza; toda Cultura preconizada pela Rosa-Cruz se enraíza nos princípios vitais, de tal ordem que, além de inegáveis, podem ser praticamente demonstrados por quem quer que se empenhe em não sofrer resignadamente a sorte dos iluminados, valetudinários, pobres de espírito, e que padecem da pior da todas as enfer-

midades, a ignorância do que é a vida, e como ou para que, é a verdade fundamental da natureza.

A contínua superação com a conseqüente elevação de nossos objetivos, e o controle cada vez mais perfeito do ser, que conduz ao domínio das circunstâncias, sentindo a euforia do ritmo transcendente da vida, em trance da Perfeição e a impressão de ufania sublime de estarmos absorvidos pela verdade absoluta, tal é o legítimo Caminho de Perfeição! ...

K. H. (In "Revista Rosa-Cruz") – Gnose setembro 1938

Crata Repoa II

A Iniciação aos Antigos Mistérios dos Sacerdotes do Egito

Quando um aspirante aos mistérios desejava entrar para a sociedade antiga e misteriosa de Crata Repoa, devia se fazer recomendar por um dos Iniciados.

A proposta de admissão e era feita, ordinariamente, pelo próprio rei que nesse sentido escreveu uma carta aos sacerdotes.

Estes encaminhavam o aspirante, de Heliópolis, aos doutos da Instituição, em Menfis; de Menfis o mandavam para Tebas.

Era circuncidado.

Submetiam-no a um regime particular; interdiziam-lhe o uso de certos alimentos (peixes e legumes); proibiam-lhe, mesmo, o vinho até que obtivesse, num grau superior, permissão para beber de vez em quando.

Obrigavam-no a passar vários meses, como prisioneiro, num subterrâneo, onde o abandonavam as suas próprias reflexões; gozava da faculdade de escrever seus pensamentos. Estes eram depois atentamente examinados e serviam para revelar o grau de sua inteligência.

Quando chegava a ocasião de deixar o subterrâneo, conduziam-no para uma galeria cercada de colunas de Hermes, nas quais estavam gravadas sentenças que devia saber de cor.

Logo que as aprendia, um membro da sociedade, denominada Tesmóforo, dele se aproximava tendo na mão um grande chicote para conter o povo diante da porta chamada “dos Profanos”, pela qual introduzia o recipiendário em uma gruta.

Aí lhe vendavam os olhos e lhe atavam as mãos com laços elásticos.

PRIMEIRO GRAU - Pastóforo

Pastóforo ou Aprendiz, encarregado da guarda da entrada que conduzia a “Porta dos Homens”.

Preparado o recipiendário na gruta (B), o Tesmóforo o tomava pela mão e o apresentava a “Porta dos Homens”.

Aí chegados, o Tesmóforo tocava a espádua do Pastóforo (um dos aprendizes anteriormente admitidos) que se encontrava de guarda na porta externa e o convidava a anunciar o recipiendário, o que este fazia batendo a porta de entrada.

Tendo o Neófito respondido as perguntas que lhe eram, primeiramente feitas, a “Porta dos Homens” se abria, sendo ele introduzido.

O Hierofante lhe fazia novas perguntas sobre assuntos diferentes. Devia, da mesma forma, responder categoricamente.

Faziam-no, em seguida, viajar no recinto do “Biranta” e, enquanto isso, procurava aterrorizá-lo com relâmpagos e trovões, produzindo artificialmente em torno dele todos os efeitos do granizo, da tempestade e do raio.

Se não se deixasse amedrontar muito, se não se desconcertasse, o “Menies”, ou leitor das leis, lia-lhe as constituições da sociedade de “Crata Repoa”. Era obrigado a prometer conformar-se com

elas.

Depois dessa adesão, o Tesmóforo o conduzia, de cabeça descoberta, ao Hierofante; ajoelhava-se; encostavam-lhe na garganta a ponta de um gládio e faziam-no prestar o juramento de fidelidade e discrição. Ele invocava o Sol, a Lua e os demais astros para testemunhas de sua sinceridade.

Prestado esse compromisso solene, tiravam-lhe a venda dos olhos e o colocavam entre duas colunas quadradas, denominadas “Betilies”.

Entre essas duas colunas jazia uma escada de sete degraus, bem como uma outra figura alegórica, composta de oito portas de diferentes dimensões.

O Hierofante não explicava, logo de início, ao recipiendário o sentido misterioso desses emblemas; fazia-lhe, porém, o seguinte discurso:

“A ti, que acabas de adquirir o direito de ouvir, é que me dirijo: - As portas deste recinto são severamente fechadas aos profanos, que aqui não podem penetrar. Ouve, porém, minha voz, tu Menes Museu, tu filho das obras e das pesquisas celestes; ela te vai ensinar grandes verdades. Guarda-te dos preconceitos e das paixões, que te poderiam afastar do verdadeiro caminho da felicidade; fixa teus pensamentos no Ser divino dos olhos, tem-no sempre diante dos olhos afim de melhor governares o coração e os sentidos. Se quiseres caminhar na verdadeira estrada da felicidade, pensa que estás sem cessar na presença do Todo-Poderoso, que governa o universo. Este Ser único produziu todas as coisas, conserva-se, e existe por si mesmo. Nenhum mortal pode vê-lo, nada se pode furta-los seus olhares”.

Depois dessas palavras, faziam o Aprendiz passar sobre os degraus da escada, explicando-lhe, enquanto isso, qual era o símbolo da mesma, fundado na metempsicose. Ensinavam-lhe, tam-

bém que os nomes e os atributos dos deuses tinham significação, completamente diferente da que lhes emprestava o povo.

Sendo esse grau consagrado a física, explicavam-lhe as causas dos ventos, dos relâmpagos, do trovão, incluíam a anatomia, a arte de curar e de fazer os medicamentos.

Era igualmente nesse mesmo grau que ensinavam aos Neófitos a “Língua simbólica a escrita vulgar dos hieróglifos.

Terminada recepção, o Hierofante dava ao Iniciado a palavra de ordem, por meio da qual todos os Iniciados se reconheciam. Essa palavra era “Amor”; significava “se discreto”.

Reconheciam-se ainda por um toque manual.

Punham no Recipiendário uma espécie de barrete terminado em pirâmide e lhe cingiam os rins de um avental denominado “Xilon”.

Trazia ao pescoço uma gola cujas pontas lhe caíam no peito.

Quanto ao mais, ficava despido durante a recepção.

Devia guardar, por sua vez, a “Porta dos homens”.

SEGUNDO GRAU – Neócoro

Se o Pastóforo, durante o ano de sua aprendizagem, tivesse dado demonstração de inteligência, impunham-lhe um severo jejum afim de prepará-lo para se tornar Neócoro

Decorrido esse ano, era ele posto num aposento escuro, denominado “Endimion”, que quer dizer gruta imitada.

Belas mulheres lhe serviam manjares delicados, para lhe reanimar as forças esgotadas. Eram esposas de sacerdotes e, mesmo, virgens consagradas a deusa Diana, que desse modo iam visitá-lo. Elas o hesitavam com toda espécie de caricias.

Devia triunfar dessa difícil prova para demonstrar o império que tinha sobre si

mesmo.

Depois de tê-la suportado, o Tesmóforo ia procurá-lo e lhe fazia várias perguntas.

Se o Neócoro respondesse com justiça, era introduzido na assembléia.

O “stolista” (ou aspergidor) espargia água sobre ele, para purificá-lo; obrigavam-no a afirmar que se conduzira sempre com sabedoria e castidade.

Depois dessa declaração o Tesmóforo corria para ele, tendo nas mãos uma serpente viva que lhe atirava sobre o corpo e retirava por baixo do avental.

O local parecia cheio de repteis para que o Neócoro se aterrorizasse.

Quanto mais se mostrava corajoso nessa prova, mais elogios recebia depois de sua recepção.

Levavam-no em seguida para junto de duas colunas muito elevadas, entre as quais um grifo empurrava uma roda colocada à sua frente.

Essas colunas significavam Oriente e Ocidente. O grifo era o emblema do sol e da roda, do centro da qual partiam quatro raios, representava as quatro estações.

Ensinavam-lhe, então, a arte de calcular o higrômetro (que servia para avaliar as inundações do Nilo); instruíam-no na geometria e na arquitetura, e ele se familiarizava com os cálculos e as escalas das medidas de quem dever-se-ia servir daí por diante. Isso era, porém um grande segredo que não era revelado, senão aos que pertenciam a uma seita cujos conhecimentos eram muito superiores aos dos povos.

Davam-lhe por insígnias um bastão com uma serpente enroscada. A palavra de ordem do grau era “Eva”; nessa ocasião lhe contavam a história da queda do gênero humano. Cruzar os braços sobre o peito era o sinal de que se deveria servir para se fazer reconhecer. Seu emprego era lavar as colunas. (in L’Initiation) – continua - Gnose setembro 1938